
VEÍCULO: **O GLOBO ONLINE**

DATA: 24/03/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

ENDEREÇO WEB:

http://saude.empauta.com/e2/standard/noticia/mostra_noticia_e2.php?&cod_noticia=1703241490393643001

ACESSADO EM: 24/03/2017

Macacos mortos: estamos à espera dos escafandristas para maiores esclarecimentos

As pessoas, às vezes, perdem a fé. Mas, se um país perde a fé, então, todo um imaginário coletivo corre sério risco. E o que faz um país desacreditar de um país? A pergunta é fácil de responder; difícil é impedir o desastre da descrença quando ele avança a toda velocidade. Portanto, é preciso estar vigilante. Os sonhos nos movem, as ideologias nos alimentam, os projetos nos mantêm vibrantes. Aos exemplos práticos: é importante acreditar na Justiça, mesmo quando não acreditamos na Lava-Jato. É importante acreditar na Polícia Federal e não importa se a carne é fraca ou se não acreditamos nos policiais ou em alguns policiais. É importante acreditar na educação. Mesmo quando as salas de aula estão precárias e os professores estão sem receber seus salários, ela ainda é nossa esperança de futuro. É importante acreditar que a saúde é um direito universal, mesmo sabendo que na esquina há filas desumanas do SUS e nos vemos sob a ameaça de uma epidemia de febre amarela. Por esses valores, vale a pena lutar.

A utopia deveria ser uma área inexpugnável nas democracias, que se querem estáveis e frutíferas. A utopia está na alma das instituições e as instituições, por mais defeituosas que sejam, carregam em si, sempre, a ideia de utopia.

Preservar esse espaço das ideias não é uma questão meramente filosófica. É uma questão de sobrevivência, muito concreta, com consequências práticas no nosso dia a dia. Por que cultivar a perfeição num cenário imperfeito? Porque ela nos dá o sentido, a direção, a régua e o compasso. Porque ela impede o desespero quando as coisas dão erradas e, como sabemos, elas tendem a degenerar e quase tudo, em algum momento, vai dar muito errado. Defender a higidez desse terreno sagrado, em que estão os pilares das nossas crenças cívicas, é a única forma de impedir

VEÍCULO: **O GLOBO ONLINE**

DATA: 24/03/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

ENDEREÇO WEB:

http://saude.empauta.com/e2/standard/noticia/mostra_noticia_e2.php?&cod_noticia=1703241490393643001

ACESSADO EM: 24/03/2017

que um desastre inevitável nos elimine, nos transforme em pó. Ele virá, mas cairá nessa rede de proteção ideológica e social.

A febre amarela é aquele erro que aconteceu. Erradicada há cem anos por Oswaldo Cruz, a doença chegou sorrateira, driblando todo o sistema de alerta sanitário, e instalou seu quartel de medo em Casimiro de Abreu, na Baixada Litorânea do estado. Erramos, segundo especialistas, no tamanho e na densidade da barreira que começou a ser feita lá no norte do Rio, área mais próxima a Minas, onde a doença já fazia estragos. Erro grave, com extensão ainda desconhecida. Só com tempo, saberemos as consequências das omissões, se é que elas existiram, e, certamente, lá na frente, vamos indagar de quem foi a culpa. Não se trata de fígado, mas de uma atitude técnica para evitar que erros se repitam.

Embora seja a doença visível, a febre amarela expõe sintomas de outra mazela invisível. A resposta das instituições, seus reflexos, como reagem ato contínuo em momentos de crise. O sistema falhou e o mínimo que se esperava era que autoridades de saúde e instituições de excelência agissem rapidamente e com eficiência. A Fiocruz, uma das quatro fabricantes mundiais da vacina, estava mobilizada. O **Instituto Evandro Chagas**, unidade do órgão no Pará, outra entidade de referência, voltada para estudos científicos na área de infectologia, também uniu forças.

Mas o que se viu, recentemente, foi uma trapalhada envolvendo a Fiocruz e o **Evandro Chagas**, com a ajuda da Secretaria de Saúde do Rio, sobre a possível contaminação de cinco macacos em bairros do Rio. Um assunto gravíssimo porque, se confirmado, poderia ser o sinal amarelo, quiçá vermelho, indicando que a doença havia chegado à área urbana. Vírus circulando na cidade, somado a *Aedes Aegypti*, que já disseminou dengue, zika e chikungunya por aqui, é uma combinação explosiva. A Organização Mundial de Saúde recomenda resposta rápida, principalmente quando há suspeita de presença do vírus em áreas urbanas com baixa cobertura de vacina, o que é o caso da cidade do Rio. Segundo a entidade, numa situação dessas, é

VEÍCULO: **O GLOBO ONLINE**

DATA: 24/03/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

ENDEREÇO WEB:

http://saude.empauta.com/e2/standard/noticia/mostra_noticia_e2.php?&cod_noticia=1703241490393643001

ACESSADO EM: 24/03/2017

fundamental a vacinação de emergência. A OMS chama atenção ainda para a subnotificação - o verdadeiro número de casos, em todo o mundo, seria até 250 vezes maior do que o total de registros.

O desenrolar dos acontecimentos, entretanto, foi um pouco diferente do que preconiza a OMS. Enquanto o **Evandro Chagas** garante que o exame de imunohistoquímica comprovou a presença do vírus nos primatas, a Fiocruz encontrou resultado completamente diferente: os testes, feitos em Manguinhos, deram negativo. E morreu Neves. Nada mais se falou sobre a divergência gritante. Como se a ciência não devesse uma explicação a pobres mortais, técnicos alegaram que não caberia esclarecer os detalhes das análises, em outras palavras, porque a população não sabe distinguir mercúrio-cromo de polímero. E porque a receita para atestar a presença do vírus varia muito, como a de uma moqueca. Tem a capixaba, tem a baiana, é tudo moqueca, mas pode ter sabor diferente. Mas o povo não é bobo, como dizem as vozes das ruas, e entende mais de moqueca do que supõe a vã infectologia.

Defendidos como uma contraprova necessária para definir o nível do risco que corríamos, os testes da Fiocruz não foram uma contraprova - para isso deveriam ter usado as mesmas amostras e reagentes, o que não aconteceu -, não esclareceram nada e ainda colocaram em xeque a nossa fé. Se não podemos confiar nas duas mais importantes instituições do país para controle e estudo das arboviroses, desconhecemos, de verdade, o tamanho do perigo, nos foi negado o direito à informação. Como nossos cientistas não acham importante nos prestar justos esclarecimentos, melhor aguardar os escafandristas que um dia virão.